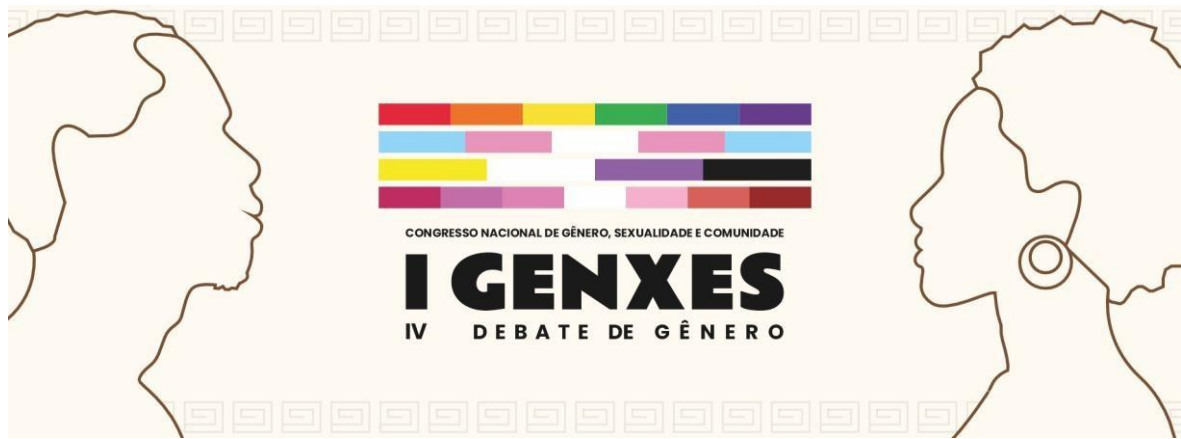




MENINAS SURDAS: O QUE CONTAM E OS “SINAIS” DA VIOLÊNCIA

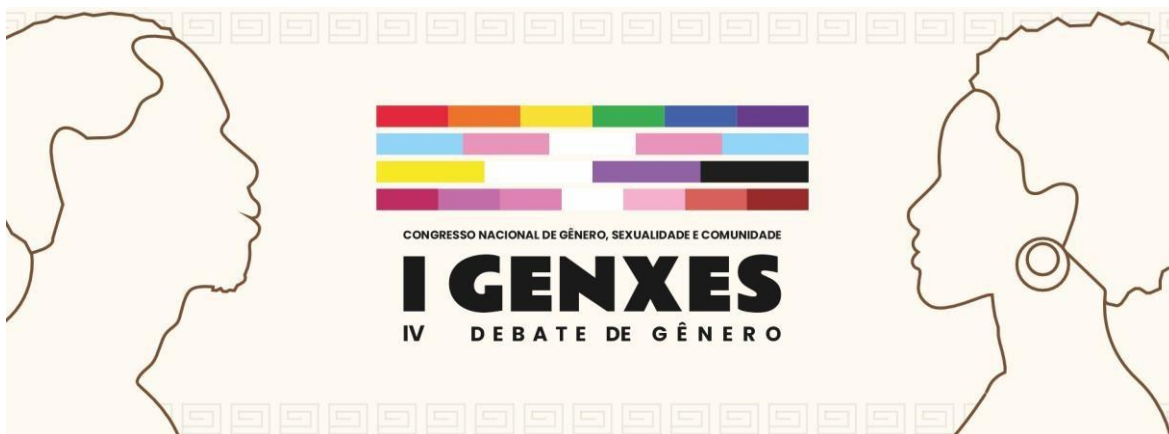
Eixo Comunitário:
Violência de Gênero e LGBTQIA+fobia
Leidiane Bessa de Marins

Universidade Regional do Cariri- URCA
leidiane.bessa@urca.com

Danielle Rodrigues
Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos (Cap - INES).
danielliveira@gmail.com

RESUMO:

A proposta desta pesquisa foi analisar relatos de estudantes surdas à luz do debate de violência de gênero. No intuito de fazer uma pesquisa exploratória a fim de expandir as pesquisas nesta área, o presente artigo buscou trazer e analisar as narrativas de estudantes adolescentes surdas frente ao que vivenciam acerca da sua condição de ser: Mulher e Surda. A pesquisa foi realizada em uma escola pública bilíngue (localizada na cidade do Rio de Janeiro-RJ) a partir de observação participante de uma das autoras da pesquisa, que é professora de Sociologia nesta mesma instituição. Como recorte, tratamos aqui o relato de uma atividade pedagógica proposta na referida instituição; que teve como tema motivador a violência de gênero e cultura do estupro – necessidade esta surgida após um professor deste espaço educacional ter pregado um papel com a imagem clássica dos bonecos de WC – menino e menina – no sanitário do vestiário da educação física. Nesta imagem, o menino pulava o muro para olhar a menina no banheiro. Além do debate com os discentes, também foi realizada formação com os professores e inspetores escolares. A trajetória metodológica usou mão de uma abordagem qualitativa através de observação participante, usando a interseccionalidade como ferramenta analítica (Collins, 2020). Durante a formação proposta, foi possível compreender como determinados momentos da vida delas (infância, na família, escola, vida amorosa etc.) mostraram reiteradamente situações de violência simplesmente por serem quem são. É o que Amossy (2005a) fala sobre o *ethos* discursivo; onde a fala sobre como a imagem (de si mesmo ou do outro a partir de relatos) torna possível a compreensão e projeção da própria identidade, que emerge nos discursos da coletividade inter-relacionadas. No caso destas estudantes, os marcadores sociais da deficiência (estamos imersos em uma sociedade de cultura predominantemente ouvinte) e os de classe social (onde pessoas pobres possuem um menor grau de escolarização; influenciam diretamente no



nível da aquisição da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e do português como segunda língua) mostram as múltiplas camadas de vulnerabilidade dessas estudantes surdas. Os resultados evidenciaram que as imagens dentro de uma escola são formas de acesso a conhecimento direto de uma compreensão de mundo para as pessoas surdas, que entendem o mundo pelos olhos e necessita de informação em sua língua visual (Perlin; Vilhalva, 2016). E, foi através dela que as alunas trouxeram à tona relatos de violência sexual. O discurso das alunas mostrou a precariedade com que os órgãos oficiais tratam a mulher surda, especialmente nos casos de violência. Sabido do perfil de quem comete violência doméstica em nosso país, que são pessoas próximas do convívio, especialmente familiar, permitir que essas mulheres não tenham um canal autônomo para realizar suas queixas é como abandoná-las a continuarem experimentando esse ciclo de violência. O Estado precisa criar canais de comunicação que sejam de fato democráticos, auxiliando que as mulheres possam buscar sua proteção. Neste sentido, mais uma vez a escola se tornou espaço necessário para garantir de forma sistemática e formal a discussão sobre cultura do estupro, violência de gênero e canais de denúncia.

Palavras-chave: Surdas; Adolescência; Violência de Gênero; Escola; Cultura do Estupro.